

A. B. Saddlewick

# Mia Monstruosa



FESTA DO PIJAMA  
MONSTRUOSA



MILK  
SHAKESPEARE

A. B. Saddlewick

Tradução: Andresa Vidal

# Mia Monstruosa 3

FESTA DO PIJAMA  
MONSTRUOSA



Um agradecimento  
especial a Tim Collins







# Capítulo Um

Mia Montague olhou em volta do quarto que dividia com a irmã gêmea, Milly. O cômodo era repartido em duas metades bem diferentes. O lado de Mia tinha papel de parede preto e era tão bagunçado que mal dava para ver o carpete. Debaixo da cama dela ficava o esconderijo de Quentin, seu rato de estimação, feito com gravetos e pedaços de caixa de papelão.

— Você é tão bagunceira quanto um hipopótamo — disse Milly. — Não é de se espantar que nunca ache nada!

O lado de Milly tinha papel de parede rosa-bebê. Ela guardava tudo na cômoda lilás, com exceção dos ursinhos de pelúcia e das bonecas, que ficavam enfileirados em cima, por ordem de tamanho.

— Uma vez arrumei tudo e passei semanas sem achar nada. — Mia deu de ombros. — Assim eu sei exatamente onde cada coisa está.

Milly abotoou o casaco azul-marinho impecável diante do espelho de corpo inteiro.

— Perfeito. — Sorriu. — Agora, um mingau gostosinho!

E desceu correndo as escadas, cantarolando para si mesma.



Mia seguiu a irmã escada abaixo, passando pelos retratos de família e acenando para o de sua ancestral preferida, a tia-avó Ethel. Abriu a porta da sala de jantar, sentou-se entre a mãe e o pai e pegou uma fatia de torrada no suporte de metal.

O senhor Montague examinava um cano de escapamento de carro e deixava uma mancha de óleo na toalha branca.

Sua mãe estava ocupada conferindo uma caixa de morcegos de borracha que havia comprado para a próxima apresentação de *Drácula* no teatro local. Ela era a responsável pelos adereços e figurinos.

— Está animada para sua festa do pijama no sábado, Milly? — perguntou o senhor Montague.

A festa do pijama de Milly! Mia se esquecera completamente disso. Lembrava-se de ter dito aos pais que chamaria alguns amigos também, mas agora não tinha tanta certeza. Os amigos de Mia eram meio... diferentes. Ela duvidava que fossem se dar bem com Milly.

— Vai ser demais — disse Milly. — Pati Simões vem, Alice Jones e Susi Siqueira também, e a gente vai aprender a coreografia nova das Sparkle Club Girls. Elas são minha banda favorita de todos os tempos. Podemos te ensinar também, se quiser, Mia.

Mia engoliu um pedaço de torrada bem na hora em que Milly falou isso, mas conseguiu não engasgar.

— Você convidou alguém, Mia? — a senhora Montague quis saber.



Na verdade, Mia não estava com vontade de chamar ninguém para a festa do pijama, porque ela guardava um segredo. Enquanto Milly estudava no Instituto Prímula, uma escola toda certinha para meninas, Mia frequentava um colégio para vampiros, lobisomens, fantasmas, bruxas e outros monstros. Sua própria tia-avó Ethel era a diretora, e ela era um fantasma. Ninguém mais na família sabia que o Colégio da Mata não era uma escola comum. Se Milly conhecesse os amigos monstros de Mia, seria difícil impedir que a família descobrisse a verdade.

— É claro que não chamou. — Milly lambeu os lábios cobertos de mingau. — Mia não tem amigos.

— Na verdade, tenho muitos amigos — Mia retrucou.



— Uma pena que esses seus supostos amigos estejam todos ocupados no sábado — zombou Milly.

— Bem, é aí que você se engana — disse Mia. — Porque eu já convidei... é... dois deles para virem. E eles aceitaram.

— Ah, então parece que vai ser divertido para todo mundo. — A senhora Montague havia acabado de amarrar um pedaço de elástico em um dos morcegos de mentira e o agitava para cima e para baixo. — Eu quero morder seu pescoço — falou a senhora Montague. — Mua ha ha!

Mia quase contou à mãe que vampiros não falavam daquele jeito. E ela sabia bem disso, porque havia vários no Colégio da Mata.

— Hora dos dentes! — E Milly saiu correndo escada acima.

Milly escovava os dentes três vezes todas as manhãs: primeiro com pasta de menta, depois com bicarbonato de sódio e, por fim, com uma mistura de limão e ervas.

— Mamãe, sua apresentação de *Drácula* não é no sábado à noite?

— Isso mesmo, Mia — disse a senhora Montague. — E Tracy vai ficar de babá.

— Talvez eu pudesse ajudar nisso em vez de ficar aqui para a festa do pijama.

— Ah, não, querida. Eu estarei na maior correria cuidando dos adereços, e seu pai estará lá em cima

na cabine de iluminação, então não haverá ninguém para ficar de olho em você.

— Eu não preciso que ninguém fique de olho em mim, mãe.

O senhor Montague arqueou uma sobrancelha.

— Você disse isso no recital de balé de sua irmã.

Quando Mia fora à apresentação de balé da irmã, seu rato de estimação escapou para o palco, causando a maior confusão.

— Mas desta vez não vou levar Quentin — Mia garantiu. — Seria assustador demais para ele.

— De qualquer jeito, já é muito tarde — disse a senhora Montague. — Você já convidou suas amigas para a festa do pijama.

— Ah, é. — E Mia saiu correndo até a garagem para ver como estava Quentin.

No caminho, pegou uma caixa de leite e um pacote de batatinhas para reforçar os suprimentos dele. O ratiinho guinchou de alegria quando ela despejou as batatinhas no pote.



— O que eu vou fazer, Quentin? — perguntou Mia. — Prometi levar alguns amigos da escola, e não tenho a menor ideia de quem convidar.

Ela observou Quentin se deliciar com o lanche, completamente alheio a seu dilema.

— Se aquelas meninas do Instituto Prímula acham  
você assustador — murmurou Mia —, espere até conhe-  
cerem os monstros do Colégio da Mata.





# Capítulo Dois

Mia, sentada no imenso salão de assembleias do Colégio da Mata, ouvia os alunos cantando seus hinos matinais.

*Todas as coisas sombrias e horríveis,  
Todas as criaturas cruéis e traiçoeiras,  
Todas as coisas sombrias e terríveis  
Que adoram fazer crianças chorarem...*

Ela olhou para os amigos. Quem, afinal, poderia convidar para a festa do pijama sem que as meninas do Instituto Prímula descobrissem seu segredo monstruoso? À esquerda de Mia estava Vladimir Paprika, meio vampiro e meio humano. Ele tinha a pele muito pálida, o cabelo penteado para trás e usava uma longa capa preta, mas até que conseguia se passar por humano — desde que não sorrisse e deixasse suas presas à mostra. O melhor de tudo era que Vladimir era o único aluno do Colégio da Mata que sabia que

Mia era humana de verdade e apenas fingia ser um monstro.

À direita de Mia estava Luan Lobo, um lobisomem com espesso pelo castanho cobrindo o rosto e as mãos. Seria bem mais difícil convencer sua família de que ele era normal. Talvez pudesse enrolá-lo em ataduras e fingir que tinha sofrido um acidente. O mesmo valia para Martin, a múmia — e pelo menos ele já vinha embrulhado de fábrica.

Sentado ao lado de Luan estava Zak Zumbi, com a pele cinzenta e em decomposição, e os olhos vidrados e fundos. Mia não achava que poderia convidá-lo. Sempre haveria o risco de o braço dele cair.

Penélope Peçonhenta, uma bruxa de cabelo roxo desgrenhado que usava um chapéu preto pontudo, estava sentada na ponta. Ela parecia muito mais humana do que a maioria dos alunos do Colégio da Mata, mas Mia não achava que seria uma boa ideia chamá-la. Penélope só passaria o tempo inteiro procurando novos jeitos de ser horrível com todo mundo.

Mas Mia tinha que convidar alguém, porque sua família esperava por isso.



Quando o hino terminou, todos os alunos se sentaram nos duros bancos de madeira. A diretora do Colégio da Mata — a tia-avó de Mia, Ethel — atravessou o púlpito à frente do salão.



— O zelador, senhor Quasímodo, terá a próxima semana de folga em razão da carga de trabalho recente. — A diretora ajustou os óculos redondos enormes e lançou um olhar severo para Mia.

Mia se encolheu no banco, corando de vergonha. Algumas semanas antes, ela deixara a porta da estufa da escola aberta, fazendo as plantas carnívoras tomarem conta da área externa. O pobre zelador levava uma eternidade para cortar tudo.

— Enquanto o senhor Quasímodo estiver fora — continuou a diretora —, precisarei de alguém para cuidar de Violeta, o hamster de estimação. Algum voluntário?

Gritos de horror ecoaram pelo salão.

— Quem ia querer essa coisa em casa? — perguntou Oscar, o garoto de cabeça destacável.

— Eu nunca conseguiria dormir com algo assim me olhando — disse Bartolomeu Ossos, um esqueleto sentado ao lado dele.

*Por que não estou surpresa.?*, pensou Mia. Os alunos do Colégio da Mata odiavam tudo o que fosse fofinho. Para eles, roedores peludos eram tão aterrorizantes quanto cobras e aranhas eram para os humanos.

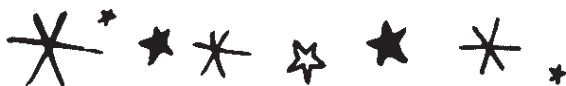
— Vamos lá, alguém precisa se voluntariar... — falou a diretora.

Mia sentiu o braço direito formigar. E ele se ergueu no ar como se tivesse sido puxado por um fio invisível.

— Excelente, Mia. — A diretora deu um breve sorriso. — É maravilhoso ver alguém disposto a assumir responsabilidade.

Mia tentou puxar o braço direito para baixo com o esquerdo, mas não adiantou. Ele continuava preso no ar. Ela ouviu um murmúrio vindo dos fundos do salão e se virou: Penélope Peçonhenta estava com as mãos estendidas, murmurando um feitiço.

Assim que Penélope percebeu que havia sido descoberta, parou, e o braço de Mia caiu de volta. Mia olhou para a frente do salão, ignorando Penélope. Não queria lhe dar o gostinho de vê-la irritada.



Depois de cantarem “*Dai-me Trevas em Meu Coração*”, os alunos saíram do salão de assembleias rumo às aulas da manhã. Mia alcançou Luan Lobo e Vladimir Paprika e perguntou:

— O que vocês vão fazer no sábado à noite?

— Meus pais vão sair — disse Vladimir. — Então o vovô vai lá em casa para cuidar de mim. Mas não estou nada animado. Ele insiste que eu durma em um caixão no porão. É tão antiquado...

— Eu vou jogar *Busca 2: O Retorno do Graveto* — afirmou Luan. — É totalmente viciante. Por que, Mia?

— Eu estava pensando se vocês gostariam de ir a uma festa do pijama lá em casa.

— Tô dentro — disse Luan. — Isso parece monstruoso!

— Eu também. — Vladimir fez que sim com a cabeça. — Posso cancelar com o vovô, assim não vou precisar ouvir aquelas histórias chatas dele sobre o século XVIII.

— Obrigada, eu adoraria — disse uma voz ao lado dele. — Estou tão feliz que alguém finalmente se lembrou de mim!

A voz pertencia a Isabel Invisível. Seria maldade dizer que ela não podia ir agora. Pelo menos Isabel não assustaria as meninas do Instituto Prímula. Na verdade, elas nem perceberiam que ela estaria lá.



Mia estava prestes a subir para a sala de aula quando o senhor Quasímodo abriu a porta do escritório e a chamou com um grunhido.

O escritório era um dos poucos lugares que Mia já tinha visto mais bagunçado do que o seu lado do quarto. O chão inteiro estava coberto de latas de tinta vazias, tubos de cola amassados e esfregões quebrados. Mia achava estranho que um homem responsável por manter a escola inteira arrumada não conseguisse cuidar do próprio escritório.

— Seja cuidadosa — disse o senhor Quasímodo, empurrando uma gaiola de metal na direção de Mia, dentro da qual havia um hamster de pelo completamente branco, que, imóvel no fundo da gaiola, encarava Mia com olhos violeta intensos. — Leia as instruções.

O senhor Quasímodo entregou a Mia um pedaço de papel arrancado de um bloco de notas.

— Obrigada, senhor Quasímodo. Espero que aproveite as férias. Vai para onde, afinal? Um tour por cemitérios vitorianos? Uma visita a um castelo na Transilvânia? Ou vai tocar os sinos em Paris de novo?

— Costa del Sol — disse o senhor Quasímodo. — Descansar e bronzear.

Ele a apressou para fora do escritório e bateu a porta com força. Infelizmente, isso fez o papel escapar da mão de Mia e sair voando pela janela.

Mia ouviu uma risadinha atrás de si no corredor e se virou a tempo de vislumbrar um lampejo de cabelo roxo desaparecendo na curva. Penélope Peçonhenta?

Ah, paciência. Mia não precisava das instruções, afinal. Já sabia muito bem como cuidar de roedores, graças a Quentin.

Mas, enquanto descia o corredor, começou a se perguntar: era mesmo estranho o senhor Quasímodo ter sentido necessidade de escrever uma página inteira de anotações.

Quão difícil poderia ser cuidar de um hamster?

